

O JORNAL SEM TERRA NA ORGANIZAÇÃO DO MST

Fabiano Coelho
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
fabianocoelhofgd@gmail.com

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde o início de sua organização investiu em sua comunicação interna e externa, evidência disso são os cadernos de formação, manuais de organização, cadernos do educando, *Revista Sem Terra* e o *Jornal Sem Terra* publicados desde seu nascimento, em 1984. O MST é um movimento social que valorizou práticas comunicativas, visando uma organização mais coesa e um discurso afinado entre suas lideranças.

O objetivo do trabalho é refletir sobre o periódico *Jornal Sem Terra*, especificamente sobre sua fundação e como o mesmo transformou-se em porta voz da Direção Nacional do MST. Para tanto, além dos referenciais bibliográficos, utiliza-se como fonte o próprio periódico; o documento publicado pelo Movimento¹ em 2001 intitulado *Construindo o Caminho*; uma entrevista com o jornalista Flademir Araújo, primeiro editor responsável do jornal; e entrevistas produzidas pelo autor no ano de 2012 com as editoras Cristiane Gomes e Debora Franco Lerrer, e o editor Igor Felipe Santos. As fontes selecionadas foram significativas para compreender a fundação do *Jornal Sem Terra* e como o mesmo se transformou em instrumento político para a organização do MST.

Sobre o *Jornal Sem Terra* destacam-se trabalhos importantes, como os de Fernando Perli (2002; 2007), Antonio Alves Bezerra (2011) e Fabiano Coelho (2014). Os autores desenvolveram discussões significativas sobre a história do periódico, as tensões que envolveram sua produção e como o MST investiu e visualizou o periódico ao longo do tempo. O jornal foi abordado como fonte e objeto, de modo que sua materialidade e historicidade foram valorizadas. A partir dos autores citados é possível também sistematizar outras problemáticas que envolvem o *Jornal Sem Terra* e as lutas do MST travadas no contexto brasileiro. O periódico é uma fonte riquíssima para estudar a história do Movimento, seus projetos, ações, sua organização interna e

¹ Quando escreve-se Movimento com letra *maiúscula* refere-se especificamente ao MST.

diálogos com outros grupos ao longo dos seus 35 anos. Ao acompanhar a história do MST desde seu nascimento, como salienta Coelho (2014), a história do *Jornal Sem Terra* está entrelaçada a história do próprio Movimento.

A história do *Jornal Sem Terra* começou antes de 1984, quando o MST nasceu oficialmente². O periódico surge como boletim, em maio de 1981, intitulado *Boletim Sem Terra*. Inicialmente sua produção esteve associada à luta do acampamento Encruzilhada Natalino, na região de Sarandi, no estado do Rio Grande do Sul. Em dezembro de 1980, um grupo de famílias de trabalhadores rurais, expropriadas de suas terras devido à “mecanização da agricultura, ao conseqüente processo de concentração da propriedade e da política agrícola que se voltava para a agroindústria de exportação” (IOKOI, 2001, p. 247), acampou em Sarandi, com o intuito de chamar a atenção da sociedade e pressionar o Estado para que fizesse desapropriação de alguma área de terra para assentá-las. O acampamento Encruzilhada Natalino se transformou em um marco histórico da luta pela terra no Brasil³, no início da década de 1980, quando o país vivenciava o processo de redemocratização.

Um dos principais responsáveis pelo nascimento do *Boletim Sem Terra* foi Flademir Araújo, jornalista gaúcho, que, na época, trabalhava na Assembleia Legislativa do Estado. O envolvimento de Flademir com os trabalhadores rurais sem-terra coincide com a retomada da luta pela terra no estado do Rio Grande do Sul, no qual o acampamento Encruzilhada Natalino foi um marco. O jornalista esteve à frente da editoração do boletim e, posteriormente, à frente do *Jornal Sem Terra* durante seis anos. Ao ser entrevistado por Miguel Stedile enfatizou que “a idéia do jornal é diretamente ligada à Encruzilhada Natalino” e o objetivo central, num primeiro momento, era “solicitar o apoio das comunidades, das entidades, de outros setores ao acampamento”⁴.

² Sobre a historicidade e organização do MST, ver: CARTER, Miguel (Org.). **Combatendo a Desigualdade Social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010; COLETTI, Claudinei. **A Trajetória Política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal**. 2005. 297 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, UNICAMP; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000; LERRER, Debora F. **Trajetórias de Militantes Sulistas: nacionalização e modernidade do MST**. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro.

³ Em relação ao acampamento Encruzilhada Natalino, ver: MARCON, Telmo. **Acampamento Natalino: história de luta pela reforma agrária**. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

⁴ ARAÚJO, Flademir. *O Jornal se Transformou com o próprio MST*. Entrevista concedida a Miguel Stedile. Agosto de 2001. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2001/agosto/cul_078.htm. Acesso em: 20/09/2011, às 22h14min.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Em sua primeira edição, na capa, é publicada a *Carta dos Colonos Acampados em Ronda Alta*, cujo intuito principal era chamar a atenção da sociedade e angariar apoio, de todo e qualquer tipo.

Imagem 1 – Capa do *Boletim Sem Terra*. Porto Alegre, maio de 1981.

SEM TERRA

BOLETIM INFORMATIVO DA CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE AOS AGRICULTORES SEM TERRA

CARTA DOS COLONOS ACAMPADOS EM RONDA ALTA

" Nós somos mais de 500 famílias de agricultores que viviamos nesta região (Alto Uruguai), como pequenos arrendatários, posseiros da área Indígena, peões, diaristas, meeiros, agregados, parceiros, etc.. Desse jeito já não conseguíamos mais viver, pois trás muita insegurança e muitas vezes não se tem o que comer. Na cidade não queremos ir, porque não sabemos trabalhar lá. Nos criamos no trabalho da lavoura e é isto que sabemos fazer.

Muitos de nós já se inscreveram três, quatro ou cinco vezes na sede da Fazenda Sarandi para conseguir um pedaço de terra. No ano passado recorremos aos políticos e ao Secretário da Agricultura e nada conseguimos. Fomos aos sindicatos e estes pouco puderam fazer. Como não temos a quem recorrer, resolvemos acampar na beira da estrada para ver se em conjunto conseguimos uma solução.

Estamos muito mal alojados, muitos até passam fome e frio, mas estamos dispostos a ficar aqui até conseguirmos terra que precisamos para trabalhar como colonos.

Sabemos que tem terra no Estado para todos nós e para muitos mais que como nós também precisamos, só que estas terras estão na mão dos ricos que não precisam delas para viver. Muitos deles até moram nas cidades, como é o caso de vários que se apossaram de grande parte da Fazenda Sarandi que foi desapropriada para os colonos, mas acabou sendo em tregue pelo governo para amigos dele que não precisam. Só estas terras dá para todos nós e muito mais gente.

Como agricultores achamos que temos o direito a ter um pedacinho de terra para plantar alimentos para nossas famílias e para os da cidade. Não queremos a terra dada, queremos pagá-la com o nosso trabalho.

Muita gente do governo veio aqui para fazer nós desistir oferecendo emprego pelo salário mínimo, e terras no norte, de onde estão voltando nossos companheiros que foram levados para lá. Também muita gente veio nos dar apoio, muitas entidades e até sindicatos nossos e várias igrejas, etc...

Solicitamos seu apoio, do jeito que der, para esta nossa luta. Ficamos muito contentes e agradecidos com esse seu apoio, pois queremos ficar aqui acampados até conseguirmos nossa terra para trabalhar."

" PREÇO DA PAZ, É TERRA E JUSTIÇA PARA TODOS "

" TERRA PARA QUEM TRABALHA NELA "

CARTA DECIDIDA EM ASSEMBLÉIA EM 15 DE MAIO DE 1981.

VEJA COMO APOIAR NA ÚLTIMA PÁG.

O boletim era datilografado e mimeografado de forma artesanal. A primeira edição foi composta apenas por textos verbais escritos, sem qualquer tipo de imagens e de publicidade. Em destaque, a *Carta dos Colonos Acampados em Ronda Alta*, que

apresentava os acampados em Ronda Alta para o conjunto da sociedade, assim como o contexto difícil vivenciado pelas famílias, a posição do governo do Rio Grande do Sul e do Estado brasileiro⁵ perante a situação e o pedido de apoio manifestado em um momento textual no final da carta: “Solicitamos seu apoio, do jeito que der, para esta nossa luta. Ficamos muito contentes e agradecidos com esse seu apoio, pois queremos ficar aqui acampados até conseguirmos nossa terra para trabalhar”⁶.

Registra-se que foram impressos 700 boletins com o título *Sem Terra*; que, no primeiro ano, não havia um padrão de formatação definido; e que o número de páginas variava entre 8 e 16 folhas. A produção do boletim era realizada no município de Porto Alegre/RS e as entidades responsáveis por sua organização eram a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul (MJDH/RS) e a Pastoral Universitária de Porto Alegre. O MJDH cedeu espaço em sua sede localizada na Rua dos Andradas, n. 1234, 22º andar, sala 2209, para que fossem confeccionados os exemplares do periódico. Em relação à procedência profissional das pessoas que colaboravam na editoração, a sua maioria era formada por estudantes de Jornalismo e/ou por profissionais que possuíam cursos superiores em áreas como História, Educação, Sociologia e Ciência Política.

O *Boletim Sem Terra* se transformou em um periódico de resistência da época, conjugando os interesses dos trabalhadores rurais sem-terra do acampamento Encruzilhada Natalino e a luta pela democracia. A princípio, o seu nascimento estava mais voltado ao objetivo de informar a população sobre o porquê as famílias estavam acampadas e ao de aglutinar apoio da sociedade e entidades civis, religiosas, sindicais e políticas aos trabalhadores, do que propriamente ser um instrumento na organização dos acampados. Esse apoio estava muito relacionado também a atender a necessidades materiais das famílias, por meio de arrecadação de alimentos, agasalhos, remédios, lonas para os barracos, dentre outras coisas.

⁵ Em 1981, o governador do estado do Rio Grande do Sul era José Augusto Amaral de Sousa (Arena/PDS); e o presidente do Brasil era João Baptista de Oliveira Figueiredo (Arena/PDS).

⁶ Carta dos Colonos Acampados em Ronda Alta. *Boletim Sem Terra*. Porto Alegre, maio de 1981, Ano I, nº 1. p. 1.

Igor Felipe Santos, militante do MST desde o ano de 2004, coordenador do *Setor de Comunicação*⁷, que atuava e acompanhava os veículos de comunicação do Movimento, inclusive a editoração do *Jornal Sem Terra*, sublinha que o *Boletim Sem Terra* nasceu com três objetivos: propiciar a “equalização de informação das famílias que viviam no acampamento Encruzilhada Natalino”, comunicar-se com “os amigos e apoiadores” do acampamento e fazer o “diálogo com a sociedade” como um todo⁸.

No acampamento Encruzilhada Natalino criou-se uma *equipe de trabalho / imprensa*, “constituída por agricultores sem-terra com instrução formal, que tinha a função de coletar informações do acampamento para integrantes da CPT” (PERLI, 2002, p. 77). Conforme Perli, os produtores do boletim criaram também outras estratégias para conseguirem notícias sobre as lutas enfrentadas e sobre a realidade vivida pelos acampados. Muitas notícias sistematizadas no acampamento eram repassadas aos responsáveis pelo boletim e selecionadas para publicação (2007, p. 66). O *Boletim Sem Terra* foi ousado e se constituiu em um espaço em que se aglutinaram diversos interesses em prol da democratização da terra e do regime político no país. Em 1984, simultaneamente, no contexto da luta pela terra, nascia o MST e o *Jornal Sem Terra*.

Assim que o MST foi criado, em janeiro de 1984, os produtores do *Boletim Sem Terra* anunciaram que estava chegando o *Jornal Sem Terra*, um projeto engajado, em formato de tabloide, que redimensionava alguns dos seus objetivos e condições existenciais. *Vem aí o Jornal Sem Terra*. Esta era a chamada para os leitores do boletim na edição nº 35, de abril de 1984. A decisão de transformar o boletim em tabloide foi tomada no *I Encontro Nacional de Trabalhadores Rurais*, realizado no município de Cascavel – PR, em janeiro de 1984. Ao enfatizar o lançamento do tabloide, os editores forneceram pistas de que o impresso redimensionaria sua produção, na perspectiva de ser um periódico com um caráter mais profissional. Assim, diziam que “uma equipe de

⁷ O *Setor de Comunicação* do MST foi criado em 1997. Ao longo de sua trajetória histórica, o MST edificou uma estrutura organizativa “múltipla, plural e híbrida” (FERNANDES, 2010, p. 182-184). Essa estrutura se caracteriza como flexível e dinâmica, envolvendo as suas instâncias de representação, setores e coletivos de trabalho. As atividades de comunicação do MST não começaram com a criação formal do Setor de Comunicação, mas com o início com a editoração do *Jornal Sem Terra* e com a de outros materiais internos da organização do Movimento, como os Cadernos de Formação, Cadernos do Educando, Manuais e Cartilhas.

⁸ Igor Felipe Santos. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Secretaria Nacional do MST. São Paulo/SP, 2012.

10 jornalistas trabalhará na edição do jornal que vai contar com a colaboração dos próprios lavradores, pessoas ligadas ao trabalho pastoral, sindicalistas e estudiosos da problemática agrária”⁹.

O nascimento do *Jornal Sem Terra* não significava a *extinção* do *boletim*, mas sua continuidade, com uma nova roupagem e direcionamentos. Também, havia uma preocupação de não excluir os trabalhadores e tradicionais colaboradores de sua produção. O jornal passou a ser pensado em uma perspectiva mais ampla, abrangente, e estava ligado e sob a responsabilidade do “recém-criado” MST.

Eram agregados novos desafios ao periódico e na edição seguinte, de julho de 1984, nº 36, o nome estampado já era *Jornal dos Trabalhadores Sem Terra*. O nome do jornal ainda seria modificado em outubro de 1988, na edição nº 77, passando para *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. As mudanças de nomenclatura revelam significados e redimensionamentos na produção do jornal. Segundo Bezerra, “revela os níveis de abrangência social de sua atuação, tornando-se um indicativo de seu amadurecimento político, enquanto ferramenta de comunicação e de luta representativa de um Movimento em acelerada construção” (2011, p. 39). A partir de 1984, ao ser apresentado como *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, era evidenciado que o periódico, antes de qualquer coisa, seria um jornal da organização do MST.

O *Jornal Sem Terra* pôs em evidência preocupações com a formação de seus integrantes, com a organização interna do MST, assim como com questões mais abrangentes de interesse nacional e internacional. O jornal foi sofrendo transformações junto com o próprio MST, e a diversidade de seu público e objetivos eram considerados um dilema. Entre os anos de 1986 e 1987, passou a ser mais direcionado ao público interno, à organização e a militantes do MST (PERLI, 2002, p. 19).

Ao se apropriar do *Boletim Sem Terra*, o MST, por meio de sua Direção Nacional, vislumbrou outras perspectivas para o jornal. Fladimir Araujo, que acompanhou esse processo, destaca que havia dois caminhos a seguir: continuar a ser um jornal mais informativo e de divulgação das lutas ou direcioná-lo para a organização interna do Movimento e para a formação dos seus militantes. O MST decidiu seguir a

⁹ Vem aí o *Jornal Sem Terra*. *Boletim Sem Terra*. Porto Alegre, abril de 1984, Ano III, nº 35. p. 2.

segunda opção e, a partir de 1984, o *Jornal Sem Terra* passou a ser um instrumento político e de formação da organização do Movimento.

O público alvo do *Jornal Sem Terra* foi sua própria militância. Conforme Igor, editor do periódico, “no decorrer da história do MST, o jornal foi se constituindo como um veículo voltado para a militância do MST, pra militância e pra base do Movimento”¹⁰. Mesmo sendo pensado e produzido para a base e militância do Movimento, não quer dizer que ele chegava a todos os acampamentos e assentamentos ligados ao MST¹¹.

Ao incorporar o *Jornal Sem Terra* à sua organização e fomentar seus próprios materiais impressos para seus integrantes, o MST soube captar a importância dos meios de comunicação para organizar e divulgar suas lutas. Fladimir Araujo, que acompanhou o início desse processo na organização do Movimento, observou que seus dirigentes, em meados da década de 1980, “sempre tiveram esta visão estratégica da comunicação e o jornal era o principal instrumento”. Como era o meio de comunicação mais bem estruturado no período, “tudo passava pelo jornal”¹².

O Setor de Comunicação do MST, em nível nacional, é responsável pela produção do *Jornal Sem Terra*. A respeito do jornal, é interessante destacar o documento/livro *Construindo o Caminho*, publicado pelo Movimento. Para o MST, *Construindo Caminho* não era um livro, mas sim um esforço coletivo de sistematização de experiências ao longo do tempo. Esse material dá uma visão do todo acerca da luta do Movimento, com a intenção de mostrar aquilo “o que de fato é o MST”¹³. O público alvo do livro eram seus militantes: visava-se a formação desses militantes a partir das concepções e linhas políticas do Movimento. O livro aborda várias e distintas questões sob a ótica do MST: *modelo econômico e a agricultura; projeto popular para a*

¹⁰ Igor Felipe Santos. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Secretaria Nacional do MST. São Paulo/SP, 2012.

¹¹ Sobre essa questão, ver: COELHO, Fabiano. **Entre o Bem e o Mal**: representações do MST sobre os presidentes FHC e Lula (1995-2010). 2014. 440f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados; PERLI, Fernando. **Sem Terra: de boletim a tabloide**. Um estudo do *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Entre a solidariedade e a representação (1983 – 1987). 2002. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

¹² ARAÚJO, Fladimir. *O Jornal se Transformou com o próprio MST*. Entrevista concedida a Miguel Stedile. Agosto de 2001. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2001/agosto/cul_078.htm. Acesso em: 20/09/2011, às 22h14min.

¹³ MST – *Construindo o Caminho*. São Paulo, 2001. p. 5

agricultura; a luta pela reforma agrária e o MST; linhas políticas dos setores do MST; valores, disciplina, mística.

Um dos temas do livro é a *Comunicação*, e dentro desse tema é destacado o *Jornal Sem Terra* como um “instrumento de organização” do MST, haja vista que seu nascimento é anterior ao do Movimento. No que tange ao *Jornal Sem Terra*, atribui-se a ele o objetivo de estimular:

- A unidade ideológica.
- Uma visão global da luta, da sociedade, do mundo.
- A luta de massa.
- Os conhecimentos sobre a realidade brasileira.
- Alimentar a mística revolucionária.
- E reforçar outras organizações e movimentos sociais aliados¹⁴.

Os estímulos direcionados ao jornal começam de *dentro para fora* e a unidade ideológica torna-se algo fundamental para o MST. O jornal deve, acima de tudo, uniformizar as informações e manter a unidade política e ideológica dos militantes do Movimento. Além disso, deve informar sobre a realidade brasileira, as lutas pela terra, e a conjuntura nacional e mundial. A partir da perspectiva do MST de construir alianças com a classe trabalhadora, o jornal necessitava divulgar as lutas de outras organizações e movimentos sociais afinados com sua organização.

No entender de Igor, o jornal era, ao mesmo tempo, um instrumento político de informação, agitação, luta da militância e base do Movimento. E, somado a isso, um instrumento que “ajuda na constituição da unidade política do MST”¹⁵. Nessa perspectiva, o *Jornal Sem Terra* tinha sua característica *formadora*, ou seja, através de suas páginas o MST sistematizava suas normas gerais, valores, disciplina, mística, concepções políticas e olhares sobre determinadas questões que envolviam a luta pela reforma agrária no país. Os *Editoriais* e as seções intituladas *Formação* e *Estudos* sempre traziam um conteúdo político de formação para os integrantes do MST. Na ótica da Direção Nacional, o jornal deveria ser utilizado em diversas atividades do Movimento: em cursos de formação, assembleias e grupos de estudos nos acampamentos e assentamentos. Em relação a isso, Perli observa:

¹⁴ MST – *Construindo o Caminho*. São Paulo, 2001. p. 135.

¹⁵ Igor Felipe Santos. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Secretaria Nacional do MST. São Paulo/SP, 2012.

A Executiva Nacional defendia a idéia de que ao chegar nestes pontos de mobilização, o jornal deveria adquirir inúmeras funções na organicidade, como o amparo na formação, atualização de lideranças e de professores locais, práticas de leitura em grupos de estudo que discutiam temas presentes no jornal de maneira interativa com os trabalhadores rurais sem-terra (2007, p. 155).

Provavelmente, na prática, essa orientação não se efetivava em todos os lugares. Mas o jornal fora produzido com essa intencionalidade. Cristiane, outra editora do *Jornal Sem Terra*, em sua entrevista, salientou essa questão:

Muitos lugares faziam atividades de formação através do conteúdo do jornal, então, por exemplo, uma entrevista sobre conjuntura internacional com o professor... Sei lá, conjuntura internacional com Paulo Arantes. A entrevista era utilizada como subsídio para fazer um debate, dentro da organização dos acampamentos e assentamentos, pra fazer conversas, debates. O Movimento tem muito essa questão da formação, da formação política e tudo, que ela não se dá, ela não brota do chão, então você precisa... Então o jornal tinha esse caráter também, de ajudar nesse processo¹⁶.

Para a editora Debora Franco Lerrer, o jornal tinha função fundamental no *trabalho de base*: “Quando você vai congrega gente que é possível candidato a sem-terra, era importante levar o jornal, pro cara dar uma olhada. Na verdade é importante e chave levar o jornal, pros caras verem que tinham outros grupos que ocupavam, outros grupos que ganhavam terra”¹⁷. Ele era considerado por Lerrer como “chave” nesse processo, sobretudo, para que os sujeitos visualizassem que não estavam sozinhos nas lutas. Pelo contrário, outros grupos estavam ocupando e muitos tinham conquistado a terra. O jornal era importante para que esses possíveis integrantes do Movimento se sentissem parte de um movimento maior, de âmbito nacional, para que eles não se sentissem sozinhos.

Na edição de março de 1988, nº 71, na seção *Formação*, foi publicado o artigo intitulado *Como Ler Jornal*. De maneira geral, o texto visava a auxiliar os trabalhadores na leitura do jornal, chamando a atenção para as *formas de leitura* individual e/ou coletiva. Para o MST, os estímulos à leitura coletiva do jornal nos acampamentos, assentamentos ou cursos tornava-se fundamental, posto que ele era

¹⁶ Cristiane Gomes. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. São Paulo/SP, 2012.

¹⁷ Debora Franco Lerrer. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro/RJ, 2012.

visualizado como um instrumento de formação e estudos. No texto, há explicação sobre as seções que compõem o jornal, assim como estímulos para que os sujeitos lessem o jornal e divulgassem as ações da organização. Ao dizer que o jornal era uma das ferramentas mais antigas para a divulgação da luta dos trabalhadores, o MST destacava que “o jornal também é um órgão para divulgar a proposta do Movimento. O jornal é a voz do Movimento”¹⁸.

O *Jornal Sem Terra* foi visto pela organização do MST como objeto e espaço significativos. Por meio de suas páginas, a organização poderia se expressar não só para seus integrantes, mas também para leitores externos ao MST, que, de certa forma, simpatizavam com as lutas do Movimento. Ainda para a organização, o periódico era visto como seu “porta-voz”, como se pode perceber na edição nº. 71, de março de 1988. Judite Strozake, militante do Movimento, em 1999 destaca que o jornal era um “patrimônio” e a “cara do MST”¹⁹. O jornal se configurava, então, como um espaço e instrumento político de suma importância para a organização, na medida em que era considerado sua “voz”, seu “patrimônio” e sua “cara”.

Visto como um instrumento de luta pela Direção Nacional do MST, o jornal precisava expressar as concepções políticas e ideológicas do Movimento. Nesse sentido, existem pistas no *Jornal Sem Terra* sobre a trajetória histórica do MST, bem como fragmentos de suas inúmeras lutas no território brasileiro. A história do jornal aparece entrelaçada à história do MST. Por meio do jornal, o pesquisador tem a possibilidade de analisar os caminhos e descaminhos do Movimento em suas diversas ações e frentes de luta. O jornal é um instrumento político utilizado para construir representações sobre distintas questões que permeiam os seus integrantes e a luta pela terra. No MST, lutar pela terra também é investir em comunicação; e o *Jornal Sem Terra* se configura como um instrumento político relevante, que deve estar a serviço do Movimento.

Fontes

Diversas:

¹⁸ Como ler o jornal. *Jornal Sem Terra*. São Paulo, março de 1988, ano VIII, Nº 71. p. 16.

¹⁹ STROZAKE, Judite. História nos reservou o tempo de lutar e construir. *Jornal Sem Terra*. São Paulo, maio de 1999, ano XVII, n. 189. p. 3.

ARAÚJO, Fladimir. **O Jornal se Transformou com o próprio MST**. Entrevista concedida a Miguel Stedile. Agosto de 2001. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2001/agosto/cul_078.htm. Acesso em: 20/09/2011, às 22h14min.

Carta dos Colonos Acampados em Ronda Alta. **Boletim Sem Terra**. Porto Alegre, maio de 1981, Ano I, nº 1. p. 1.

Vem aí o Jornal Sem Terra. **Boletim Sem Terra**. Porto Alegre, abril de 1984, Ano III, nº 35. p. 2.

Como ler o jornal. **Jornal Sem Terra**. São Paulo, março de 1988, ano VIII, Nº 71. p. 16.

STROZAKE, Judite. História nos reservou o tempo de lutar e construir. **Jornal Sem Terra**. São Paulo, maio de 1999, ano XVII, n. 189. p. 3.

MST – **Construindo o Caminho**. São Paulo, 2001.

Entrevistas:

Cristiane Gomes. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. São Paulo/SP, 2012.

Debora Franco Lerrer. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro/RJ, 2012.

Igor Felipe Santos. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Secretaria Nacional do MST. São Paulo/SP, 2012.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, Antonio Alves. **O Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e seus Temas: 1981-2001**. 2011. 312 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARTER, Miguel (Org.). **Combatendo a Desigualdade Social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COLETTI, Claudinei. **A Trajetória Política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal**. 2005. 297 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, UNICAMP.

COELHO, Fabiano. **Entre o Bem e o Mal: representações do MST sobre os presidentes FHC e Lula (1995-2010)**. 2014. 440f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Formação e Territorialização do MST no Brasil. In: CARTER, Miguel (Org.). **Combatendo a Desigualdade Social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 161-197.

IOKOI, Zilda M. G. Os movimentos sociais e a luta pela terra. In: MACHADO, Maria C. T.; PATRIOTA, Rosângela. **Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2001. p. 235-255.

LERRER, Debora F. **Trajetórias de Militantes Sulistas: nacionalização e modernidade do MST**. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro.

MARCON, Telmo. **Acampamento Natalino: história de luta pela reforma agrária**. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

PERLI, Fernando. **Sem Terra: de boletim a tabloide**. Um estudo do *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Entre a solidariedade e a representação (1983 – 1987). 2002. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

_____. **A Luta Divulgada: um Movimento em (in)formação – estratégias, representações e política de comunicação do MST (1981-2001)**. 2007. 333 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis.